

dos outros, embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, pelas mais decisivas provas, ousar confessá-lo em público, e confessá-lo neste século sem fé, depois de Voltaire, depois de Proudomme? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que sôa aos ouvidos: Então, senhor! o senhor também acredita no sobrenatural?

— Não. Eu não admito o sobrenatural, é logo a resposta.

Qualquer fato só se dá por efeito de uma lei natural, e portanto é natural.

Negar *à priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida, contestar a realidade do fato, porque elle não entra na ordem dos fatos estabelecidos e das leis conhecidas, é erro de espírito mal equilibrado, que julga conhecer todas as leis da natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa de um pobre homem!

Onde o espero, é no exame sério dos fatos, quando fôr elle forçado a chegar aí.

Prometo-lhe então algumas surpresas.

Victorien Sardou.

INFALIBILIDADE DO PAPA

DISCURSO PRONUNCIADO NO CELEBRE CONCÍLIO
DE 1870 PELO

Bispo Strossmayer

Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranquila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembléia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e aneeio por um raio de luz que, descendo de cima, ilumine a minha inteligência e me permita votar os canones dêste Concílio Ecumênico com perfeito conhecimento de causa.

Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escurpulososa atenção os escritos do Antigo e do Novo Testamento, e interroguei êsses veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, vigário do Cristo e infalível doutor da Igreja.

Transportei-me aos tempos em que ainda não existiam o ultramontanismo e o galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago e S. João, aos quais não se pôde negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou

como a Regra da Fé e da Moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próxima ou remotamente, a opinião dos ultramontanos! E maior é a minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de — papa sucessor de S. Pedro e vigário de Jesus Cristo!

Vós, Monsenhor Manning, direis que blasfemo; vós, Monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, Monsenhores; não blasfemo, nem perdi o juízo! Tendo lido todo o Novo Testamento, declaro, ante Deus e com a mão sobre o crucifixo, que nenhum vestígio encontrei do papado.

Não me recuseis a vossa atenção, meus veneráveis irmãos! com os vossos murmúrios e interrupções justificais os que dizem, como o padre Jacinto, que este concílio não é livre; se assim fôr, tende em vista que esta augusta assembléia, que prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito.

Agradeço a S. Ex., o Monsenhor Dupanloup, o sinal de aprovação que me faz com a cabeça; isso me alenta e anima prosseguir.

Lendo, pois, os santos livros, não encontrei neles um só capítulo, um só versículo que dê a S. Pedro a chefia sobre os Apóstolos.

Não só o Cristo nada disse sobre esse ponto, como, ao contrário, prometeu tronos a todos os Apóstolos (Mateus, cap. XIX, v. 28), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros!

Que diremos do seu silêncio?

A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou em elevar Pedro á chefia do Colégio Apostólico.

Quando o Cristo enviou os seus discípulos a conquistar o mundo, a todos — igualmente — deu o poder de ligar e desligar, a todos — igualmente — fez a promessa do Espírito Santo.

Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de *reinarem ou exercerem senhorio* (Lucas, XXII, 25 e 26).

Se Pedro fôsse eleito papa, Jesus não diria isso, porque, segundo a nossa tradição, o papado tem uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal.

Ainda mais: se Pedro fôsse papa ou chefe dos Apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, á Samaria, para anunciar o Evangelho do Filho de Deus? (Atos, capítulo VIII, v. 14).

Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos, agora mesmo, mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência, Monsenhor Plantier, ao Patriarca de Constantinopla, para convencê-lo de que deve acabar com o cisma do Oriente?

O símile é perfeito, haveis de concordar.

Mas temos coisa ainda melhor:

Reuniu-se em Jerusalém um concílio ecumênico para decidir questões que dividiam os fieis.

Quem devia convocá-lo? Sem dúvida Pedro, se fôsse papa. Quem devia presidí-lo? Por certo que Pedro. Quem devia formular e promulgar os canones? Ainda Pedro, não é verdade? Pois bem: nada disso succedeu! Pedro assistiu ao concílio com os demais Apóstolos, sob a direção de São Tiago! (Atos, cap. XV).

Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais.

Encarando agora por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, S. Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada sobre o fundamento da fé dos Apóstolos e Profetas, sendo a principal pedra do ângulo, Jesus Cristo. (Epístola aos Efesos, capítulo II, v. 20).

Esse mesmo Paulo, ao enumerar os officios da Igre-

ja, menciona apóstolos, profetas, evangélistas e pastores; e será crível que o grande Apóstolo dos gentios se esquecesse do papado, se o papado existisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador dêste concílio que não fizesse menção de Sua Santidade Pio IX.

(Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)

Calmavos, veneráveis irmãos, porque ainda não conclui. Impedindo-me de prosseguir, provareis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro desta assembléia. Continuarei:

O Apóstolo Paulo não faz menção, em nenhuma das suas Epístolas ás diferentes Igrejas, da primazia de Pedro; se essa existisse e se êle fôsse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa Epístola sôbre tão importante ponto?

Concordai comigo: A Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naqueles tempos em que não tinha papa. (Apartes: Não é exato; não é exato!).

Porque negais, Monsenhor de Laval? Se algum de vós outros, meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja, que hoje tem um papa (que vai ficar infalível), é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica, diga-o abertamente ante o Universo, visto como êste recinto é um centro do qual as nossas palavras voam de polo a polo!

Calais-vos? Então continuarei:

Também nos escritos de S. Paulo, de São João, ou de S. Tiago, não descubro traço algum do poder papal! S. Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos Apóstolos, guarda silêncio sôbre tal assunto!

Isso deve preocupar-vos muito.

Não me julgueis um cismático!

Entrei pela mesma porta que vós outros; o meu título de bispo deu-me direito a comparecer aqui, e a

minha consciência, inspirada no verdadeiro Cristianismo, me obriga a dizer-vos o que julga ser verdade.

Pensei que, se Pedro fôsse vigário de Jesús Cristo, êle não o sabia, pois que nunca procedeu como papa: nem no dia de Pentecostes, quando prégou o seu primeiro sermão, nem no Concílio de Jerusalém, presidido por S. Tiago, nem na Antioquia, e nem nas Epístolas que dirigiu ás Igrejas. Será possível que êle fôsse papa sem o saber?

Parece-me escutar de todos os lados: Pois S. Pedro não esteve em Roma? Não foi crucificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares onde disse missa nessa cidade?

E eu responderei: Só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter S. Pedro estado em Roma; e como a tradição é tão sómente a tradição da sua estada em Roma, é com ela que me provareis o seu episcopado e a sua supremacia!

Scaligero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de S. Pedro e a sua residência em Roma se devem classificar no número das lendas mais ridículas! (Repetidos gritos e apartes: Tapai-lhe a boca, fazei-o descer dessa cadeira!)

Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me, como quereis, mas não será melhor provar todas as coisas como manda o Apóstolo, e crêr só no que fôr bom? Lembrai-vos que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça: Esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!

Permiti que repita: Folheando os sagrados escritos não encontrei o mais leve vestígio do papado nos tempos apostólicos!

E, percorrendo os anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo me succedeu!

Confessar-vos-ei que o que encontrei foi o seguinte:

Que o grande Santo Agostinho, bispo de Hiponia, honra e glória do Cristianismo e secretário no Concílio de Melive, nega a supremacia ao bispo de Roma.

Que os bispos d'Africa, no sexto Concílio de Cartago, sob a presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam a Celestino, bispo de Roma, por supôr-se superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja.

Que, portanto, o papado não é instituição divina.

Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concílio de Calcedônio colocaram os bispos da antiga e nova Roma na mesma categoria dos demais bispos.

Que aquele sexto Concílio de Cartago proibiu o título de "Príncipe dos Bispos", por não haver soberania entre êles.

E que S. Gregório I escreveu estas palavras, que muito aproveitam á tese: — Quando um patriarca se intitula "Bispo Universal", o título de patriarca sofre incontestavelmente descrédito. Quantas desgraças não devemos nós esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições?

Esse "bispo" será o rei dos orgulhosos! — (Pelagio II, Cett. 13).

Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como bispos universais ou papas, nos primeiros séculos do Cristianismo.

E, para mais reforçar os meus argumentos, lembrei aos meus veneráveis irmãos que foi Osio, bispo de Córdova, quem presidiu o primeiro Concílio de Nicéa, redigindo os seus cânones; e que foi ainda êsse bispo que, presidindo o Concílio de Sardica, excluiu o enviado de Júlio, bispo de Roma!

Mas, da direita me citam estas palavras do Cristo

— Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja.

Sois, portanto, chamados para êste terreno.

Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou pedra sôbre que a Santa Igreja está edificada, é Pedro; mas permiti que eu discorde dêsse vosso modo de pensar.

Diz S. Cirilo, no seu quarto livro sobre a Trindade: "A rocha ou pedra de que nos fala Mateus, é a fé imutável dos Apóstolos".

S. Olegario, bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, repete: Que aquela pedra é a *rocha da fé* confessada pela boca de São Pedro. E, no seu sexto livro, mais luz nos fornece, dizendo: E sôbre esta *rocha* da confissão da fé que a Igreja está edificada.

S. Jerônimo, no sexto livro sôbre S. Mateus, é de opinião que Deus fundou a sua Igreja sobre a rocha ou *pedra* que deu o seu nome a Pedro.

Nas mesmas águas navega S. Crisóstomo quando, em sua homília 56 a respeito de Mateus, escreve: — Sôbre esta rocha edificarei a minha Igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro.

E eu vos perguntarei, veneráveis irmãos, qual foi a confissão de Pedro?

Já que não me respondem, eu vô-la darei: "Tu és o Cristo, o filho de Deus".

Ambrosio, o santo Arcebispo de Milão, S. Basílio de Salência e os padres do Concílio de Calcedônia ensinam precisamente a mesma coisa.

Entre os doutores da antiguidade cristã, Santo Agostinho ocupa um dos primeiros lugares, pela sua sabedoria e pela sua santidade. Escutai como êle se expressa sôbre a primeira epístola de S. João: Edificarei a minha Igreja sôbre esta rocha, significa claramente que é sôbre a fé de Pedro.

— No seu tratado 124, sobre o mesmo S. João, encontra-se esta significativa frase: Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei a minha Igreja; e a rocha era o próprio Cristo, filho de Deus.

Tanto êsse grande e santo bispo não acreditava que a Igreja fôsse edificada sobre Pedro, que disse em seu sermão n.º 13: — Tu és Pedro, e sobre essa rocha ou *pedra* que me confessaste, que reconheceste, dizendo: *Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo*, edificarei a minha Igreja, sobre mim mesmo; pois sou o filho de Deus vivo. Edificarei sobre mim mesmo, e *não sobre ti*.

IIaverá coisa mais clara e positiva?

Deveis saber que essa compreensão de Santo Agostinho, sobre tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente do mundo cristão naqueles tempos. Estou certo que não me contestareis.

Assim é que, resumindo, vos direi:

1.º Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro.

2.º Que os apóstolos nunca reconheceram em São Pedro a qualidade de vigário do Cristo e *infalível* doutor da Igreja.

3.º Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa, nem fez coisa alguma como papa.

4.º Que os concílios dos quatro primeiros séculos nunca deram, nem reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

5.º Que os Santos Padres, na famosa passagem: — Tu és Pedro, e sobre essa pedra (a confissão de Pedro) edificarei a minha igreja, — nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (*super petrum*), e sim sobre a rocha (*super petram*), isto é: sobre a confissão da fé do Apóstolo!

Concluo, pois, com a história, a razão, a lógica, o bom senso e a consciência do verdadeiro cristão, que Jesus não deu supremacia alguma a Pedro, e que os

bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja confiscando, um por um, todos os direitos de episcopado! (Vozes de todos os lados: *Silêncio, insolente, silêncio! silêncio!*)

Não sou insolente! Não, mil vezes não!

Contestai a história, se ousais fazê-lo; mas ficai certos de que não a destruireis!

Se avancei alguma inverdade, ensinai-me isso com a história, á qual vos prometo fazer a mais honrosa apologia. Mas compreendei que não disse ainda tudo quanto quero e posso dizer. Ainda que a fogueira me aguardasse lá fóra, eu não me calaria!

Sêde pacientes, como manda Jesus. Não junteis a cólera ao orgulho que vos domina!

Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres — Observações — sobre êste Concílio do Vaticano, e com razão, que, se declaramos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram todos os seus antecessores. Porém, veneráveis irmãos, com a história na mão, vos provarei que alguns papas faliram.

Passo a provar-vos, meus veneráveis irmãos, com os próprios livros existentes na biblioteca dêste Vaticano, como é que faliram alguns dos papas que nos teem governado:

O papa Marcelino entrou no templo de Vesta e ofereceu incenso á deusa do Paganismo.

Foi, portanto, idólatra; ou, peor ainda: foi apóstata!

Libório consentiu na condenação de Atanazio; depois, passou-se para o Arianismo.

Honório aderiu ao Monoteísmo.

Gregório I chamava Anti-Cristo ao que se impunha como — Bispo Universal; — e, entretanto, Bonifácio III conseguiu do parricida imperador Focas obter êste título em 607.

Pascoal II e Eugênio III autorisavam os duelos, condenados pelo Cristo; enquanto que Júlio II e Pio IV os proibiram. Adriano II, em 872, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII, em 1823, condenou-o.

Xisto V publicou uma edição da Bíblia e, com uma bula, recomendou a sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição.

Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesús, permitida por Paulo III; e o mesmo Pio VII a restabeleceu.

Porém, para que mais provas? Pois o nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua bula para os trabalhos dêste Concílio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui fôr determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores?

Até isso negareis?

Nunca eu acabaria, meus veneráveis irmãos, se me propusesse a apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos.

Como então se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalível Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis que negar a sua falibilidade e a dos seus antecessores?

E vos atreveis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data apenas dêste ano de 1870?

Não vos enganeis a vós mesmos: Se decretais o dogma da infalibilidade papal, vereis os protestantes, nossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhes dá a História.

E que tereis vós a opôr-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos. (Gritos: É demais; basta! basta!)

Não griteis, Monsenhores! Temer a história, é confessar-vos derrotados! Ainda que pudesseis fazer correr

toda a água do Tibre sobre ela, não borraríeis nem uma só das suas páginas! Deixai-me falar e serei breve.

Virgílio comprou o papado de Belisário, tenente do imperador Justiniano. Por isso, foi condenado no segundo Concílio de Calcedônia, que estabeleceu êste cânone: — O bispo que se eleve por dinheiro será degradado.

Sem respeito áquele cânone, Eugênio III, seis séculos depois, fez o mesmo que Virgílio, e foi repreendido por S. Bernardo, que era a estrêla brilhante do seu tempo.

Deveis conhecer a história do papa Formoso: Estevão XI fez exumar o seu corpo, com as vestes pontificais; mandou cortar-lhe os dedos e o arrojou ao Tibre. Estevão foi envenenado; e tanto Romano como João, seus sucessores rehabilitaram a memória de Formoso.

Lêde Plotino, lêde Barônio, Barônio, o Cardial! É dêle que me sirvo.

Barônio chega a dizer que as poderosas corteزãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam papas aos seus amantes!

Genebrado sustenta que, durante 150 anos, os papas, em vez de apóstolos, foram apóstatas.

Deveis saber que o papa João XII foi eleito com a idade de dezoito anos tão sómente; e que o seu antecessor era filho do Papa Sérgio com Marozzia.

Que Alexandre XI era... nem me atrevo a dizer o que êle era de Lucrécia; e que João XXII negou a imortalidade da alma, sendo deposto pelo Concílio de Constança.

Já nem falo dos cismas que tanto têm deshonrado a Igreja. Volto, porém, a dizer-vos que, se decretais a infalibilidade do atual bispo de Roma, deveríeis decretar também a de todos os seus antecessores; mas, vos atreveis a tanto? Sereis capazes de igualar a Deus to-

dos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira, descei já; tapemos a boca dêsse hereje).

Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis. A História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós o aproveis, faltará um voto, e êsse voto é o meu!

Mas, voltemos á doutrina dos Apóstolos:

Fóra dela só há êrros, trevas e falsas tradições. Tomemos a êles e aos Profetas pelos nossos únicos mestres, sob a chefia de Jesús.

Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras, digamos ao mundo: Assim como os sábios da Grécia foram vencidos por Paulo, assim a Igreja Romana será também vencida pelo seu 98! (Gritos clamorosos; Abaixo o protestante! abaixo o calvinista! abaixo o calvinista! abaixo o traidor da Igreja!).

Os vossos gritos, Monsenhores, não me atemorizam, e só vos comprometem. As minhas palavras teem calor, mas a minha cabeça está serena. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, e sim, e tão sómente do Cristo. (Novos gritos: Anátema! anátema vos lançamos!).

Anátema! Anátema! para os que contrariam a doutrina de Jesús! Ficai certos de que os Apóstolos se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que acabou de declarar-vos.

Que lhes dirieis vós, se êles, que predicaram e confirmaram com o seu sangue, lembrando-vos o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o Evangelho do amado Filho de Deus? Acaso lhes dirieis: Preferimos a doutrina dos Loiolas á do Divino Mestre?

Não! mil vezes não! A não ser que tenhais tapado

os ouvidos, fechado os olhos e embotado a vossa intelligência, o que não creio.

Oh! se Deus quer castigar-nos, fazendo cair pesadamente a sua mão sobre nós, como fez ao Faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizestes uma deusa da Virgem Maria!

Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível precipício a cuja borda estais colocados. Salvai a Igreja do naufrágio, que a ameaça, e busquemos todos, nas Sagradas Escrituras, a regra da fé que devemos crêr e professar. Digne-se Deus assistir-me. Tenho concluído!

(Todos os padres se levantaram, muitos saíram da sala; porém alguns prelados italianos, americanos, alemães, franceses e ingleses rodearam o inspirado orador e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com o seu modo de pensar).

Coisa singular: desde a tal *infalibilidade* dos papas, vê-se a Igreja como que atirar-se em um despenhadeiro, de cabeça para baixo!

Quão inspirado estava êsse bispo Strossmayer!